

EWÁ, IANSÃ e OBÁ: ORIXÁS MESTRAS QUE ENSINAM DIFERENTES ESTRATÉGIAS DE “GUERRA”

Cristiane Agnes Stolet Correia¹; Stella Samires da Silva Albuquerque²

¹ Professora Doutora de Letras Espanhol na Universidade Estadual da Paraíba,

cristianeagnes@servidor.uepb.edu.br

² Graduanda de Letras Espanhol da Universidade Estadual da Paraíba,

stella.albuquerque@aluno.uepb.edu.br

Resumo

O presente artigo vincula-se ao Projeto de Pesquisa Científica *Arquétipos de Orixás em contribuição para a Filosofia da Educação: Exu, as Yabás e os Anciãos*, integrando o subprojeto de Iniciação Científica *As Orixás Oxum, Yemanjá e Ewá – Da Cultura Afro-Brasileira à Filosofia da Educação*. A pesquisa analisa Ewá, Iansã e Obá como orixás mestras que ensinam diferentes estratégias de “guerra” diante da permanência de estruturas patriarcais e racistas na sociedade brasileira. Parte-se da compreensão de que mulheres, especialmente negras, enfrentam formas específicas e históricas de violência, discutidas a partir de Costa e Nabarro (2024) e Silva (2021). O objetivo do artigo é analisar itans dessas três orixás, evidenciando como suas distintas estratégias simbólicas de enfrentamento revelam a multiplicidade do ser mulher e tensionam visões machistas consolidadas. A metodologia consiste em revisão bibliográfica, articulando estudos sobre violência de gênero, raça e a noção de arquétipo em Carl Jung (2008; 2014). A análise evidencia que Ewá, Iansã e Obá expressam formas diversas de força, resistência e ação, contribuindo para a valorização do feminino em sua pluralidade. Desse modo, destaca-se como a filosofia e a mitologia afro-brasileira oferecem contribuições significativas tanto para o empoderamento feminino quanto para a construção de uma educação intercultural e antirracista.

PALAVRAS-CHAVE: Guerreiras, Orixás, Mulher, Multiplicidade.

Introdução

Ao utilizarmos a palavra guerra para discutir sobre um tópico, é necessário que tenhamos um entendimento sobre o seu significado. Quando pesquisamos o termo guerra, acabamos por ter inúmeras perspectivas sobre tal, mas uma que poderia se encaixar melhor no que iremos tratar neste artigo seria a perspectiva filosófica de Heráclito: “De todas as coisas a guerra é pai, de todas as coisas é senhor; a uns mostrou deuses, a outros, homens; de uns fez escravos, de outros, livres.” (HERÁCLITO, apud LEÃO; WRUBLEWSKI, 1991, p. 73).

Conforme tal perspectiva, a guerra é a origem de movimento e transformação, pois a harmonia irá resultar a partir do conflito de duas partes, sendo assim, para Heráclito, a guerra é necessária para ocasionar mudanças na sociedade, o que produz o movimento constante da vida. Desta forma, seguindo este conceito, podemos citar a situação das mulheres em sociedade, que são sujeitadas a estereótipos surgidos da misoginia, mas a cada dia estão lutando para não ficarem presas dentro destas “caixas” impostas que acabam limitando seu caminho dentro da sociedade. Assim, podemos dizer que, para que possa haver uma mudança dentro da sociedade, onde suas multiplicidades possam ser vistas e compreendidas, elas estão guerreando, cada uma ao seu modo. Percebemos, portanto, que existe uma necessidade de destacar uma perspectiva feminista sobre as vivências e lutas das mulheres brasileiras que continuam a sofrer dentro de estruturas patriarcais e racistas, para a concretização deste feito, acreditamos que a filosofia e mitologia afro-brasileira tenham muito como contribuir e auxiliar no processo.

O presente artigo tem como procedimento metodológico a revisão bibliográfica e a análise textual em uma perspectiva hermenêutica, tendo como principal aporte teórico Costa e Nabarro (2024) e Silva (2021), seguindo-se para uma análise de itans das orixás Ewá, Iansã e Obá, em diálogo com a noção de arquétipo de Carl Jung (2008; 2014). Desse modo, trazemos neste artigo a multiplicidade das orixás Ewá, Iansã e Obá ao analisar as suas estratégias de “guerra”, destacando a riqueza na mitologia afro-brasileira como também a capacidade que esta possui de influenciar positivamente o ser humano, esperando que resulte em um maior reconhecimento da importância de nossa afro descendência, além de destacar a multiplicidade feminina e como dentro dos itans as mulheres podem conseguir se libertar das amarras desta sociedade machista e misógina.

Assim, os objetivos deste trabalho consistem em valorizar a mulher em sua multiplicidade, bem como evidenciar como a filosofia e a mitologia afro-brasileira contribuem tanto para o desenvolvimento humano quanto para a construção de uma educação intercultural e antirracista na sociedade brasileira.

As mulheres dentro da sociedade machista

Na sociedade formada historicamente a partir do comando dos homens, o patriarcado, as mulheres são submetidas a papéis submissos, e ao questionarem este padrão são colocadas



como erradas, vilãs e seres abomináveis. Assim, a partir desta concepção histórica temos um conceito de gênero a analisar, devido que “o gênero é mais que “a construção social do masculino e do feminino” (SAFFIOTI, 2015, p. 47 apud COSTA; NABARRO, 2024, p. 93), aqui temos a visão de como a sociedade passa a ditar o masculino acima do feminino.

Conforme essa concepção cultural predominante, às mulheres foram impostos os lugares de donas de casa e mães, enquanto os homens são os líderes e provedores da família, esse é um embasamento da sociedade patriarcal, trazendo consigo o machismo e a misoginia. Com isto, é formado um ciclo vicioso onde mulheres tornam-se inferiores aos homens, sendo vítimas de uma violência constante dentro da sociedade.

A mulher, no patriarcado, é vista como ser inferior, cujas docilidade e submissão são consideradas suas únicas virtudes. Ela, como objeto (e não como sujeito), “pertence” a um homem (ao pai, quando jovem; e ao marido, após o casamento) e sua obrigação é, de acordo com esse ethos, manter-se pura e dedicada a ele e às suas vontades. Assim sendo, seu dever, como mulher, é o de satisfazer as vontades dos homens, queira ela ou não, pois sequer é consultada. Como sujeito de segunda classe, a mulher, para essa lógica, não tem voz, não deve votar, pode ganhar menos e trabalhar mais, precisa atender aos padrões de beleza impostos ser contida/reservada, não demonstrar o que pensa ou sente, como temos visto em opiniões públicas de homens brancos cis no Brasil. (PAULA; SANT’ANA, 2022, p. 7558 apud COSTA; NABARRO, 2024, p. 94)

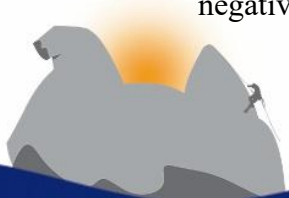
Desta forma, a violência que é aplicada de diversas formas nas mulheres, como por exemplo ser reprimidas, agredidas e assediadas sexualmente, sendo isto muitas vezes colocado como culpa das mulheres, que são as vítimas, acaba se tornando tão normalizado dentro da sociedade que a própria mulher se sente culpada por causa da violência que sofreu, e no momento em que sua consciência compreende que a culpa não é dela, muitas vezes isto acaba por se tornar um ódio ao que é ser mulher, a todos os conceitos do que é visto como feminino socialmente, pois a dita feminilidade neste momento torna-se o culpado pela violência sofrida. Neste ponto, as mulheres tendem a detestar o que social diz fazer parte do feminino, como por exemplo tornar-se mãe, maquiagem, cores específicas, determinadas ações, pois isto está inserido dentro da sociedade como uma demonstração de fragilidade e delicadeza, que é como as mulheres são enxergadas dentro da sociedade, deste modo para demonstrar sua força e independência, tudo isto torna-se repulsivo à mulheres.

Mesmo que o que forma o feminino faça parte de uma construção social que pode ser modificada ao longo do tempo, a rejeição excessiva a todas estas características também pode ser considerada uma consequência da violência sofrida dentro da sociedade. E quando pensamos sobre esta questão envolvendo mulheres não brancas, a situação se agrava, devido que o machismo se integra com outra forma de opressão existente na sociedade, que é o racismo. Com o contexto de escravidão no Brasil, as mulheres negras e indígenas são submetidas ainda mais em estereótipos, que se originaram com a violência das negras escravizadas sofridas nas casas dos senhores, onde estas tinham que realizar o trabalho forçado nas senzalas enquanto também eram abusadas sexualmente pelos senhores.

Desde que chegaram ao Brasil, os portugueses tomaram as mulheres indígenas e, posteriormente, as mulheres negras, como suas amantes, de maneira compulsória e violenta. Mesmo quando aqui chegaram as mulheres brancas, este hábito não foi abandonado, fato que, muitas vezes, despertava a ira das senhoras contra as escravizadas. Esses encontros sexuais foram responsáveis pela miscigenação que marca a sociedade brasileira e serviram para alimentar o mito da democracia racial. Como menciona Gonzalez (2020), essa alegoria exerce sua violência simbólica de maneira especial sobre as mulheres negras, servindo apenas para reforçar sua condição de fragilidade social, já que, além de não terem direito sobre seus corpos, ainda precisavam prosseguir com a lida pesada tanto nas plantações quanto nas Casas Grandes. (SILVA, 2021, p. 10)

No momento em que a liberdade dos escravizados foi conquistada, como os homens negros também se encontravam em um estado de debilidade, com dificuldade em conseguir empregos para se sustentar e a sua família, as mulheres negras passam a tomar iniciativa e se propõem a conseguir o sustento trabalhando como empregadas domésticas e babás nas casas dos brancos, contudo estas precisam conviver com a imagem que foi fomentada dos corpos das mulheres negras e a diminuição de seu status de ser humano dentro da sociedade. Com isto, muitas negras decidem agir de modo forte para poderem enfrentar estas dificuldades, abandonando aquilo dito feminino socialmente não pelo seu ódio contra, mas para poderem sobreviver, pois se a feminilidade está sendo vista como sinônimo de fragilidade, mulheres negras não podem transmitir tal sensação para poderem continuar vivas dentro de uma sociedade machista e racista.

Entretanto, esse pensamento de que performar feminilidade é sinônimo de fragilidade também trata de uma consequência de uma visão machista e misógina onde isto torna-se algo negativo, assim limitando as pessoas, principalmente as mulheres, dentro de uma “caixa”,



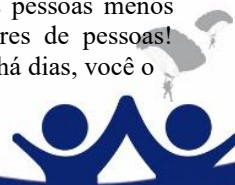
desconsiderando que o ser humano é formado pela sua multiplicidade. Deste modo, não é necessário abdicar uma parte de si mesmo para se impor na sociedade.

Ao pensar nestas questões, vemos uma possibilidade de libertação disto nas orixás das religiões afro-brasileiras, mais especificamente ao analisar seus arquétipos e sua influência dentro dos terreiros. Segundo Simas (2021), orixás são divindades que originalmente eram cultuadas na África, mas foram trazidas para o Brasil a partir dos escravizados, assim formando o candomblé. Com relação ao inconsciente, Jung (2000) separa o inconsciente pessoal do coletivo, onde o primeiro trata dos sentimentos e noções que o ser humano vai adquirindo durante sua vida, enquanto o coletivo refere-se a imagens simbólicas que herdamos desde os tempos primordiais. Arquétipos são os conteúdos do inconsciente coletivo. E dentro destes arquétipos jungianos nota-se uma multiplicidade em seu conceito, como por exemplo o arquétipo de mãe, quando Jung destaca três características que são: bondade, paixão e escuridão. Assim vemos que, ainda sendo determinada mãe em sociedade, a mulher não está reduzida a isto, aos seus filhos, como dita a sociedade machista, pois a própria imagem simbólica se forma em torno de uma multiplicidade. Para destacar melhor isto, analisemos as orixás Iansã, Obá e Euá que fazem parte do arquétipo da guerreira, nos aprofundando no que verdadeiramente pode significar ser uma guerreira.

Ewá

A orixá Ewá, ainda que seja considerada uma das três irmãs guerreiras, possui um lado mais sensível do que Iansã e Obá, assim sendo relacionada à arte. Porém, não devemos nos enganar ao pensarmos que sua sensibilidade é uma fraqueza, muito pelo contrário, esta é uma das suas armas, seu lado perceptivo lhe auxilia em suas lutas, trazendo sua astúcia. Além disso, esta sua característica não elimina sua coragem, pois esta orixá não é chamada de guerreira à toa, como poderemos ver nos seguintes itans.

Em uma bela tarde, a dona dos horizontes estava às margens de um rio a lavar seus tecidos. De repente, surge de dentro da floresta um jovem que corria muito assustado. - Por que está assustado rapaz - indagou a bela Iyewá. - Porque Ikú (a morte) persegue-me há vários dias e preciso escapar dela, pois tenho ainda um grande destino a seguir. Peço sua ajuda, Iyewá, peço que me escondas para que Ikú não me pegue! - Gostei de você e vou ajudá-lo, respondeu a jovem. - Esconda-se nos alás (pano branco) que eu despistarei Ikú de seu caminho. E assim foi feito. O jovem rapaz se escondeu debaixo dos panos brancos. Pouco depois eis que aparece Ikú, a morte! - Como ousas adentrar aos domínios de minha morada, quem és tu? - perguntou Iyewá com ar de indignada. - Sou Ikú e entro onde as pessoas menos esperam. Entro e carrego comigo dezenas, centenas e até milhares de pessoas! Porém hoje estou a procurar um jovem rapaz, que está a me escapar há dias, você o



viu passar por aqui? - perguntou Ikú para Iyewá. - Eu o vi sim, Ikú, ele foi naquela direção. - Iyewá apontou para uma direção totalmente oposta onde estava escondido o rapaz. Ikú agradeceu e seguiu pelo caminho indicado. O rapaz saiu de seu esconderijo, aliviado. - Iyewá, agradeço sua ajuda, terei tempo agora de prosseguir meu caminho. Sou um grande adivinho, e em sinal de minha gratidão, a partir de hoje presenteio-lhe com o dom da vidência. Iyewá agradeceu o presente dado pelo rapaz, que já havia se virado para ir embora, mas indagou. - Qual é seu nome? E o rapaz respondeu... - Meu nome é Orunmilá. (BENISTE, 2020, p. 119 apud OLIVEIRA, 2023, p.43).

Neste primeiro itan percebemos o lado impulsivo de Ewá, como também o tamanho de sua coragem ao enfrentar o que é mais temido por diversos orixás, que é Ikú (a morte) simplesmente para ajudar alguém que havia acabado de conhecer: Orunmilá. Além de demonstrar sua astúcia e pensamento rápido, ao esconder Orunmilá dentro de seus panos, passa a enganar a morte. Com isto, seguimos para o próximo itan onde vemos mais da astúcia de Euá, como também o seu lado traquino e orgulhoso.

Sabendo da beleza de Iyewá, Xangô, o grande orixá conquistador, decide cortejá-la, a orixá fugia dele de todas as formas possíveis e ele seguia sem sucesso. Um dia Xangô estava a dançar em um dos territórios de Iyewá, onde a neblina tomava conta de todo o local. Ela então decide caçar de Xangô, do modo como ele dançava, e o perguntou se ele não notou onde estava a dançar, Xangô todo cheio de si disse que ele agiria como quisesse e onde desejasse. Iyewá deixou bem claro que ali ela era quem governava e saiu, levando consigo a névoa, então Xangô notou que ele estava em um cemitério, toda sua energia e alegria dissipou-se pois a única coisa que ele teme é a morte, então o orixá saiu dali correndo no mesmo instante. (MARTINS, 2001, p. 28 apud OLIVEIRA, 2023, p.43 - 44).

Neste segundo itan, novamente nos deparamos com a astúcia de Ewá a utilizar de sua névoa para levar Xangô até o cemitério onde poderia o afugentar utilizando o maior medo desse orixá. Como também traz o orgulho e a firmeza que Euá impõe diante de Xangô, demonstrando que ele nunca poderá a possuir se este não for o desejo dela e que ele deveria compreender que não se deve atravessar os limites que ela impõe. A partir dos itans trazidos de Ewá, notamos uma guerreira que carrega consigo traços mais delicados, por assim dizer, e que possui uma forma diferente de lutar, sem usar da força e da brutalidade, sendo ao mesmo tempo que sutil, também extremamente eficaz. Enquanto aqui analisamos a orixá Ewá que, devido a sua associação a lados considerados mais sensíveis, como a arte, o que pode a levar a ser distanciada de uma discussão quando o assunto é o arquétipo da guerreira, passamos para outra orixá que ao falarmos desse arquétipo é provavelmente o principal nome a vir à mente: a amazona Obá.

Obá

REALIZAÇÃO:



UECE



AINPGP

Associação Nacional de Instituições de Pedagogia

Se quando se conhece inicialmente a orixá Ewá não se percebe imediatamente o seu lado guerreira e até mesmo ocorre às vezes um afastamento do que é associado a este termo desta orixá, com a orixá Obá ocorre o contrário. Obá é conhecida como uma amazona belicosa que não se importa com aparência, sendo uma orixá que expressa poder, brutalidade e independência feminina, liderando uma sociedade secreta feminina de guerreiras chamada Elecô, o que é trazido no seguinte itan:

Todos sabiam que existia uma sociedade secreta feminina, chamada Elecô, cujos membros eram amazonas guerreiras comandadas por Obá, a belicosa, que era a mais poderosa entre todas as mulheres. Mas todos também sabiam que os transgressores dos segredos de Elecô pagavam com a própria vida. As reuniões dessas mulheres eram feitas em grutas ocultas e eram secretíssimas. Só participavam delas as associadas e candidatas ao ingresso na sociedade. Não era permitido a presença de membros do sexo masculino nos encontros ocasionais, em hipótese alguma. Xangô era um rei muito poderoso, tirado a valente e vaidoso. Ele era solteiro, bonito, mulhengo e não suportava a ideia de ter uma porta fechada em sua cara. Achava que todos tinham de render homenagem a ele, convencidíssimo da própria importância. Não aceitava aquele negócio de existir uma entidade gerida por mulheres valentes. Depois de muito pensar, arquitetou um plano. Iria vestir-se de amazona e dar um jeito de se misturar no meio das outras. Assim saberia o que se passava. Só se não se chamasse Xangô, o rei. Na verdade, as intenções do Senhor do Fogo não eram nada boas. Ele queria participar do encontro das guerreiras para quebrar o tabu da presença dos homens... Elas iriam ver, só! Xangô tinha muitos informantes. Conseguiu saber o local e a data da próxima reunião de Elecô. Vestiu-se mulher e pôs-se a caminho. Para que uma amazona pertencesse a Elecô, várias condições eram exigidas, além da valentia. Era preciso que a candidata não tivesse os polegares e fosse ambidestras! As guerreiras eram muito mais espertas que Xangô pensava. Elas tinham um passaporte de ingresso para a reunião, que era a exibição das mãos. Não deu outra: quando pediram a Xangô que ele estendesse as suas, o embuste foi descoberto. O invasor deveria morrer. As mulheres se lançaram sobre Xangô, arrancando-lhe as roupas, deixando-o pelado de fazer dó... Ele se lançou no chão, de joelhos, e pediu clemência a Obá, a chefe das amazonas... As mulheres gritavam que Xangô deveria morrer, mas não contavam com uma coisa: Obá era apaixonada (secretamente) por Xangô e jamais permitiria sua destruição. Ela disse as súditas que ela mesma iria dar cabo de Xangô, o qual não parava de tremer e pedir clemência. Obá levou Xangô para outro lugar secreto, onde só ela tinha acesso, e fez com que ele, em troca da sua própria vida, promettesse desposá-la. Naquela altura dos acontecimentos, Xangô faria qualquer coisa para se livrar... até renunciar a própria liberdade tão decantada. Assim, Obá ajudou Xangô a fugir correndo, salvando-lhe a vida. Algum tempo depois eles se casaram (MARTINS, 2002, p. 163-164 apud OLIVEIRA, 2023, p.47).

Nesse itan percebemos como o método de luta de Obá se destaca em ousadia e valentia ao mesmo tempo que também possui um lado astuto e sorrateiro, vendo tanto a força bruta quanto a inteligência de guerra para reconhecer um inimigo infiltrado das guerreiras de Elecô em como identificam e logo atacam Xangô deixando este sem escapatória. Além disto, neste itan também notamos o lado sombra do arquétipo Obá que traz sua vulnerabilidade diante do que poderíamos chamar de paixão, dependência ou necessidade de afeto, ao salvar Xangô mesmo depois dele ter violado um dos princípios mais sagrados da sociedade e usa o erro dele e o poder dela para conseguir que ele a tome como esposa, nessas atitudes ela abusa

de seu poder de líder de Elecô, também cometendo o que poderia ser considerado um ato de traição às guerreiras que estão em seu comando na sociedade de Elecô e confiam nela. Porém este lado dela, não anula a guerreira e nem o símbolo que ela representa para o feminino, na verdade somente demonstra sua multiplicidade e como o ser mulher não deve ser limitado a ser visto sobre um único aspecto. Nesta análise, vimos o lado guerreira mais reconhecido, o da mulher imponente, como também vimos uma diversidade de facetas através de Obá, destacando-se o lado sombra da paixão. Ao seguirmos para nossa próxima orixá a ser analisada, Iansã, poderemos ver um novo lado da paixão que pode ser utilizada como uma estratégia de guerra.

Iansã

A yabá Iansã, também conhecida como Oiá, é a mais popular das três guerreiras aqui trabalhadas, retratada como guerreira valente e fogosa, sabe usar de seus atributos para conquistar o que deseja, o que às vezes faz que a enxerguem como uma mulher volúvel que possui uma vida dedicada a se relacionar com homens, quando isto em verdade é o símbolo do seu empoderamento, demonstrando-se dona do próprio corpo enquanto o usa quando preciso como sua ferramenta de guerra. Analisemos isto melhor nos fragmentos de seus itans.

Iansã usava seus encantos e sedução para adquirir poder. Por isso entregou-se a vários homens, Deles recebendo sempre algum presente. Com ogum, casou-se e teve nove filhos, adquirindo o direito de usar a espada. Em sua defesa e dos demais. Com Oxaguiã, adquiriu o direito de usar o escudo, para proteger-se dos inimigos. Com Exu, adquiriu os direitos de usar o poder do fogo e da magia, para realizar os seus desejos e os de seus protegidos. Com Oxóssi, adquiriu o saber da caça, para suprir-se de carne e a seus filhos. Aprimorou os ensinamentos que ganhou de Exu. E usou de sua magia para transformar-se em búfalo, quando ia em defesa de seus filhos. Com Logum Edé, adquiriu o direito de pescar. E tirar dos rios e cachoeiras os frutos d'água. Para a sobrevivência sua e de seus filhos (PRANDI, 2001, p.96 apud SOUZA, 2015, p.32).

Neste itan percebemos como em cada relação com um respectivo orixá Iansã usa para aprender e adquirir direito de alguma forma de luta ou poder, para aprender mais e, assim, fortalecer-se e empoderar-se. Deste modo, aqui vemos a sedução trazida em conotação negativa no patriarcado como uma espécie de força, sabedoria e liberdade, demonstrando Iansã como uma guerreira estratégica. Além disso, notamos que ela nunca se limita em aprender habilidades semelhantes, na verdade parece estar sempre em busca de aprender algo novo para se adaptar e se preparar para tudo. Outra leitura possível deste itan, se formos mais para o lado simbólico dele, seria vemos a capacidade de Iansã se transformar e integrar diferentes saberes e dimensões de si como uma estratégia da vida, mostrando que a guerra de Iansã também está na liberdade de lutar para ser inteira e não se limitar sendo apenas uma só.

A partir da análise destas três orixás guerreiras, aprendemos várias artes de “guerra”, sendo isto que denominamos como “guerra” neste artigo nada mais que a constante luta de sobrevivência das mulheres dentro desta sociedade que, embora esteja melhor, continua constantemente as oprimindo. Cada uma delas possui multiplicidade, tendo seus próprios métodos para demonstrar sua força, de se impor e de garantir sua sobrevivência, todas sendo donas de si mesma. Sendo isto também exemplo para realidade, não existe somente um método de luta, cada um luta a seu modo e não é necessário que todos sejam iguais, mesmo sendo para atingir um mesmo objetivo, afinal todo ser humano é diferente e é através desta multiplicidade que se é capaz de realizar grandes feitos, gerar mudanças e mover o mundo.

Práticas Educativas: Propostas

A partir da análise dos itans que realizamos anteriormente, torna-se evidente o potencial pedagógico presente na mitologia das religiões afro-brasileiras, sobretudo no que se refere à valorização da mulher, à compreensão da multiplicidade do comportamento humano e à transmissão de ensinamentos éticos e existenciais. Tais narrativas, longe de serem apenas expressões religiosas, configuram-se como patrimônios culturais e simbólicos capazes de ampliar o repertório formativo dos estudantes.

Sendo inseridas aos poucos práticas educativas que envolvam leituras e análise de itans no currículo escolar, pode-se trazer uma contribuição significativa para a construção de uma educação intercultural e antirracista. Assim, atividades como leitura guiada de narrativas com foco em temáticas específicas, como por exemplo liderança feminina, justiça, coragem e transformação, permitem que os estudantes reconheçam outras matrizes de pensamento além das eurocêntricas, normalmente priorizadas no ambiente escolar. Ou então, ao nos inspirarmos em propostas presentes na obra *Pedagogia dos Orixás*, de Ivan Poli, também podemos seguir pelo caminho de atividades que promovam aproximação entre as narrativas míticas e as experiências pessoais dos alunos, como uma adaptação de vivências próprias ou familiares a estruturas narrativas dos itans, deste modo favorecendo processos de identificação simbólica e fortalecimento da autoestima cultural, principalmente para aqueles estudantes afrodescendentes que tiveram muitas vezes suas referências marginalizadas.

Para além da leitura e análise textual, também pode-se oferecer atividades lúdicas, como encenações teatrais de itans adaptados que oferecem até um melhor processo de aprendizagem, além de que, ao representar personagens e conflitos, os estudantes não apenas compreendem os conteúdos, mas também conseguem vivenciar valores e dilemas, o que auxilia no seu desenvolvimento de empatia e de reflexão crítica. Desse modo, a presença de

itans dentro de um contexto escolar torna-se uma estratégia de valorização da afrodescendência e de enfrentamento às visões preconceituosas que ainda recaem sobre as religiões de matriz africana, como também se forem trabalhadas de modo respeitoso, suas narrativas podem contribuir para desconstruir estereótipos acerca da mulher, evidenciando suas múltiplas facetas como demonstramos a partir deste artigo.



REALIZAÇÃO:



UECE

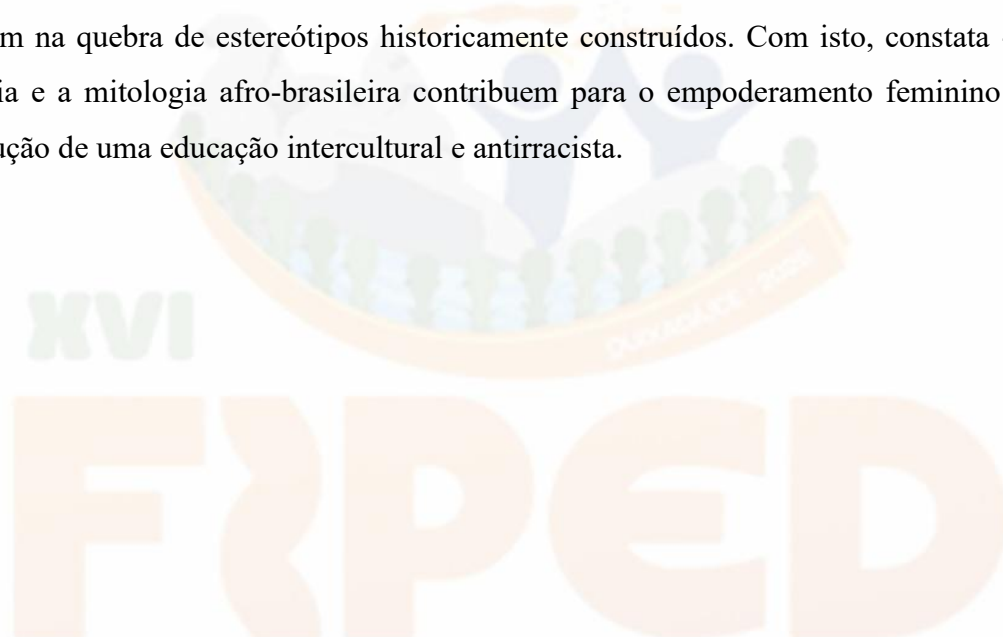


AINPGP

Associação Nacional de História da Pedagogia

Conclusões

A análise das estratégias de “guerra” das orixás Ewá, Iansã e Obá evidencia diferentes formas de força e resistência feminina. Ewá demonstra que sensibilidade não se opõe à coragem ou à inteligência. Obá revela que liderança e imposição não anulam a humanidade nem reduzem a mulher ao erro. Iansã afirma o direito da mulher sobre o próprio corpo e destaca a importância da abertura ao conhecimento como caminho de transformação. Os resultados indicam que os itans dessas orixás expressam a multiplicidade do ser mulher e auxiliam na quebra de estereótipos historicamente construídos. Com isto, constata-se que a filosofia e a mitologia afro-brasileira contribuem para o empoderamento feminino e para a construção de uma educação intercultural e antirracista.



REALIZAÇÃO:



UECE



AINPGP

Referências Bibliográficas

- COSTA, L. NABARRO, S. **GÊNERO E PATRIARCADO: CONTRIBUIÇÃO DO MACHISMO ESTRUTURAL PARA A INSEGURANÇA DAS MULHERES URBANAS**, Barra do Garças – MT, Revista Geoaraguaia, v.14, 2024.
- ELIADE, M. **Mito e realidade**. São Paulo: Perspectiva, 2004.
- EUGENIO, P. N. **A face guerreira das iabás Obá, Euá e Oiá: articulação entre mito e representação**, Rio de Janeiro, 2014.
- POLI, Ivan da Silva. **Pedagogia dos orixás**. Rio de Janeiro: Pallas, 2024.
- JUNG, CG. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. Petrópolis, RJ : Vozes, 2000;
- LEÃO, Emmanuel Carneiro (coord.). **Os pensadores originários: Anaximandro, Parmênides, Heráclito**. Tradução de Emmanuel Carneiro Leão e Sérgio Wrublewski. Petrópolis, RJ: Vozes, 1991.
- OLIVEIRA, A. **As iyabás no Candomble : as mulheres de terreiro e uma descrição dos itans das orixás**, 2023.
- SILVA, V. **De mucamas a Yabás: mulheres negras entre estereótipos e arquétipos**, São Paulo, 2021.
- SIMAS, A. L. **Umbandas: uma história do Brasil**. Rio de Janeiro, RJ : Civilização Brasileira, 2021
- SOUZA, L. **MITO, HISTÓRIA E INDIVIDUAÇÃO DO FEMININO NO CANDOMBLÉ: AS IMAGENS ARQUETÍPICAS DA GUERREIRA, DA AMANTE E DA MÃE**, João Pessoa, 2015.